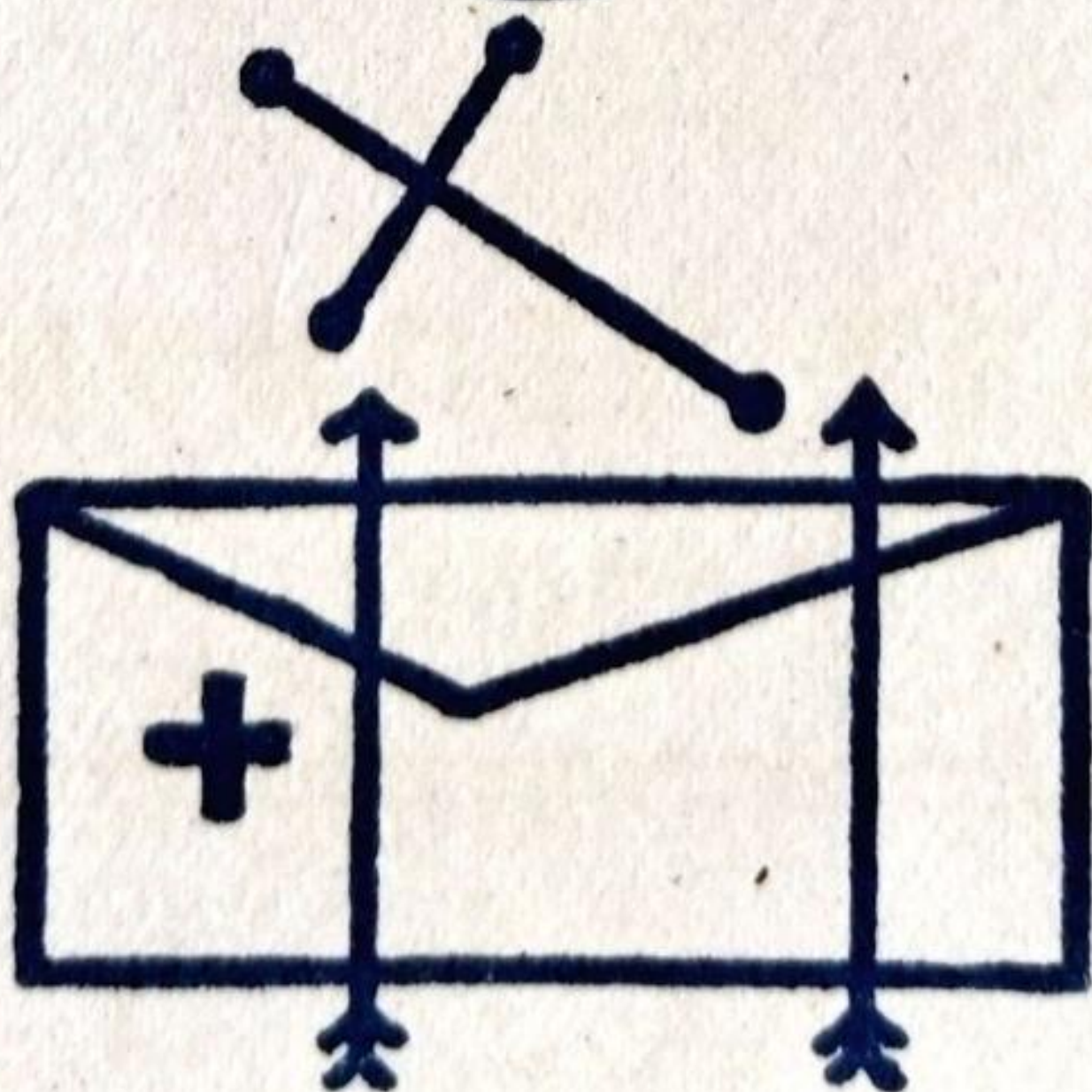
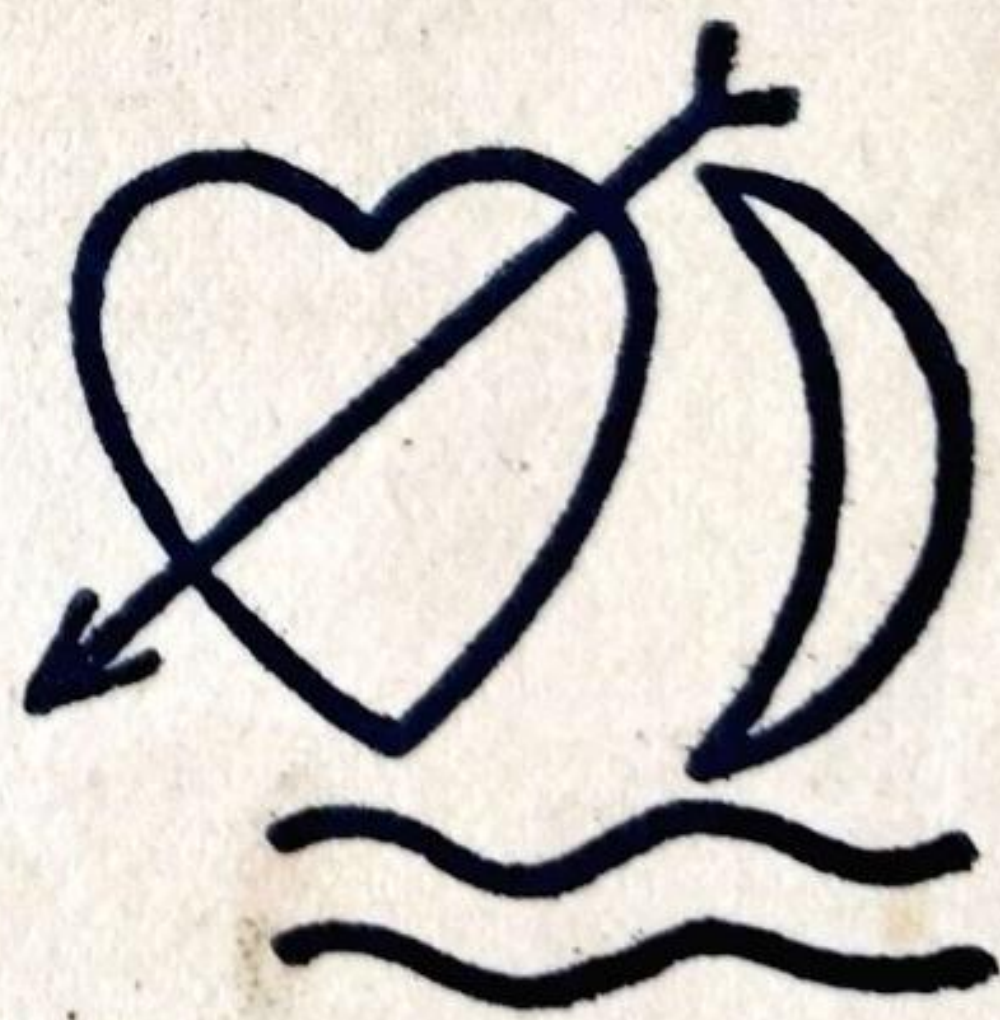
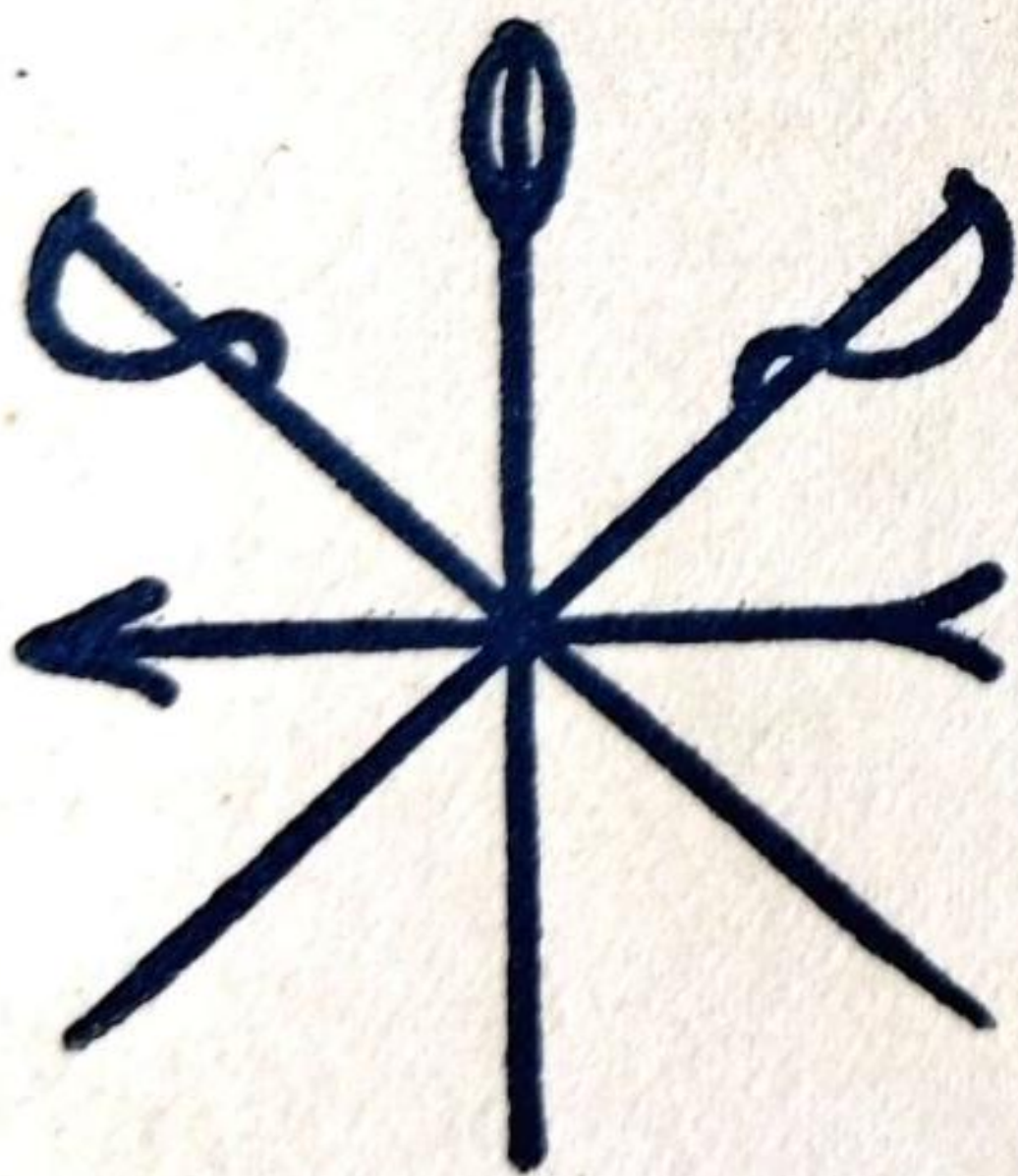


EMANUEL ZESPO

O QUE É A UMBANDA?

3ª EDIÇÃO
revisada e aumentada



SARAVÁ!...
AGÔ!...

Biblioteca Espiritualista Brasileira

RIO DE JANEIRO

O QUE É A UMBANDA?

EMANUEL ZESPO

O QUE É A
UMBANDA?

Saravá!...

Agô!...

BIBLIOTECA ESPIRITUALISTA BRASILEIRA
RIO DE JANEIRO
1953

Saravá!

Saravá o Cabôclo das Sete Encruzilhadas!
Saravá o Cabôclo das Montanhas de Missões!!

Saravá a Cabôcla Jurema!!

Saravá Todos os Cabôclos de Umbanda!

Saravá Pai Joaquim!

Saravá Pai Agostinho!

Saravá Todos os Pretos Velhos!

Saravá Todas as Pretas Velhas!

*Eu vim de longe... Eu vim de longe...
Eu vim de longe... Eu vim de longe...
Sou preto velho trabalhador,
Sou preto velho trabalhador,
Eu sou escravo, tenho senhor,
Eu sou escravo, tenho senhor,
Eu vim de longe... Eu vim de longe...
Eu vim de longe... Eu vim de longe...
Eu vim de longe... Eu vim de longe...*

Saravá Exú!

Saravá Ogún!

Saravá Oiá!

Saravá Changô!

Saravá Ochúm Pandá!

Saravá Iemanjá!

Saravá Oxalá!

Saravá Todos os Orixás!

Saravá as Sete Linhas de Umbanda!

Agô!...

Agô-mi-lêu!...

À memória

do Pai do Espiritismo no Brasil

o gigante da pena e da palavra que mais lutou pela

Confraternização da Família Espírita

Prefácio

Saravá o Cabóclo das 7 Encruzilhadas!

Umbanda é uma palavra cuja origem etimológica se perde na pré-história da linguagem, e nos veio dos primitivos idiomas lemures através os dialetos africanos transplantados para o Brasil.

A palavra Umbanda não quer dizer "banda do bem" ou "magia branca" conforme se ensina comumente com pleno desconhecimento dos estudos linguísticos.

Umbanda é Lei, lei divina e humana de causa e efeito, equivalendo quase ao sentido da palavra sânskrita KARMA, empregada pelos braministas, budistas, induistas e teosofistas.

Logo, Umbanda é a religião-ciência de causa e efeito.

Assim também, a palavra Quimbanda não significa "banda do mal" ou "magia negra".

Quimbanda era o nome dado ao sacerdote de certos ritos da religião natural dos africanos, fossem tais ritos para o bem ou para o mal.

Quimbanda é sinônimo de "pagé" de "sacerdote oficiante".

....Cumpramos desfazer o erro de certas interpretações precipitadas e instruir convenientemente o nosso povo.

Ao apresentarmos pela terceira vez a presente obra ao público leitor, queremos mais uma vez pugnar pela Verdade, e, assim sendo, temos o dever de discordar de tudo quanto nos pareça errado em matéria de literatura Umbandista. Portanto, ao leitor acostumado a outras obras do ramo, cumpre examinar, comparar, reler, discutir, peneirar e reservar para si um "pouco" mas "bom".

Atualmente, basta que se leia duas obras de Umbanda, embora de um mesmo autor, para que se fique em dúvida sobre a matéria, tais as contradições.

Daí porque muitos chefes de terreiro e mesmo entidades espirituais (cabôclos, pretos velhos, etc.) têm recomendado aos seus discípulos e médiuns NÃO LER coisa alguma sobre Umbanda.

De outro lado, sobram os livros místicos sobre a matéria e faltam-nos livros científicos.

De tudo que se tem escrito neste Brasil sobre Umbanda, se nos pedem uma lista de obras básicas, não podemos indicar todas de um mesmo autor, nem apenas autores: temos que escolher o que há de melhor. E, para nós, o que de melhor até hoje se escreveu consiste nos seguintes livros:

- 1.º) *A Magia no Brasil* — de Waldemar Bento — obra basilar da Codificação;
- 2.º) *Umbanda* — psicografado pela médium Florisbela, de Juiz de Fora — verdadeiro guia dos médiuns de Umbanda;
- 3.º) *Os Mistérios da Magia* — de Lourenço Braga — explicação clara, real, em linguagem simples, de como se pode fazer o bem e o mal na Umbanda. Todo o leigo no assunto deve ler esta obra.
- 4.º) *A Umbanda Esotérica e Iniciática*, de Oliveira Magno — primeiro livro do gênero que ensaia uma tese científica.

As quatro obras acima mencionadas são o suficiente, quando bem lidas e relidas, para dar uma explicação cabal de "O que é a Umbanda".

A leitura é a alimentação do espírito. Mas devemos ler e comer sóbria e sãbiamente, senão não haverá estômago nem cérebro que resistam as conseqüências de um envenenamento.

Assim como um prato não vale pela quantidade um livro também não significa pelo tamanho, mas pelo tempero de verdade que leva em suas páginas.

Aqui, quero deixar dito e em letras maiúsculas o seguinte, que reputo de suma importância para a Umbanda no Brasil:

Já é tempo de cogitar-se de um congresso de escritores de Umbanda, afim de que sejam pelos mesmos discutidos os livros já editados, as modificações que os mesmos devem sofrer, correções de erros já escritos, e sejam traçados os rumos futuros de uma Codificação em base firme, tendo por lema o Amor, a Verdade, a Ordem e o Progresso.

Aqui fica a sugestão aos mais velhos no assunto.

*Quando me chamarem, estarei às ordens!
Salve Jesus!...*

São Sebastião do Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1951.

EMANUEL ZESPO

O QUE É A UMBANDA

*Saravá Orixolá!
Saravá Yemanjá
Saravá Changô!
Saravá Umbanda!
Saravá!... Agô!...*

I

Na terra de Arabután (1), neste Brasil grandioso, o aborígene ancestral tupí-tapuia, também possuía sua "teogonia", sua tradição religiosa, seu culto a um Deus supremo, e encontramos nas lendas das diversas tribus ameríndias várias versões com referência à criação do mundo e o aparecimento do primeiro casal humano na terra, que bem

(1) Arabután — notável revelação do Padre Carlos Teschauer S. J. em sua obra "Poranduba Rio Grandense", página 5. Nome do Brasil, como era chamado pelos aborígenes, antes de ser chamado Pindorama.

poderíamos taxar de traduções verbais do Genesis bíblico de Moisés.

Entre as várias obras que compulsamos, podemos indicar "O Selvagem" do General Couto de Magalhães, autoridade no assunto, e cujos galões de oficial do Exército Brasileiro jamais foram conspurcados pela nódoa da mentira.

O nosso índio acreditava numa trindade, Irin-Magé, que se desdobrava nas pessoas de Irin-Magé, Tupã e Tupá. Posteriormente, os Tupis e Guaranis também veneraram a trindade: Guaraci, Jaci e Rudá.

Este princípio teogônico, a darmos crédito aos mais modernos estudos de prehistória, perde-se na noite dos tempos, na origem mesmo das primeiras civilizações humanas, posto que a ciência profana aceita ser o homem americano mais antigo que o europeu. Mencionado apenas um fato científico, escolhido a esmo entre muitos que poderíamos apontar em favor desta tese, cumpre-nos dizer que as línguas quichúa e aimará (faladas na região do antigo império dos Incas, Perú e Bolívia) possuem cerca de 2.000 raízes de palavras idênticas à língua "sânskrita" na qual foram escritos os principais livros sagrados da Índia pelos primitivos ários.

Esta e outras ocorrências levam-nos a aceitar a exposição dos cientistas etnólogos que fazem partir da raça atlanteana duas grandes sub-raças: uma que se dirigiu para oeste e povoou a América (os

Toltecas) e outra que foi para leste e, tendo atravessado a África, povoou a Ásia (os Turânios) dando origem também aos Semitas Primitivos ou Protoários, em fusão com outras sub-raças atlantes, do que resultou a grande raça ária ou indo-européia, a qual teve por "chão de origem" o norte da Índia.

Logo, tôdas as tradições religiosas, quer dos ários, quer dos semitas, quer dos amarelos, quer dos ameríndios teve por fonte primitiva a Atlântida, e esta, por sua vez, partiu da Lemúria. Neste ponto estão de pleno acôrdo os mais estremados materialistas, como Heckel, (2) e os mais estremados teosofistas como Besant (3), bem como espiritistas livres como La Terre (4).

Assim sendo, a "teogonia" do índio americano é tão nobre como a do chinês, do japonês, do hindú, do grego, do árabe, do cristão; e, a sua trindade é tão sublime e tão divina como a Trimurti Indiana (Brahmá, Siva, Vischnú), ou a Trindade Chinesa (do Taoísmo), ou a Trindade Budista (Padmapani, Mandsjousri, Brahmá)), ou o Tríplice Logos (dos gregos), ou a SS. Trindade dos católicos (Padre, Filho, Espírito Santo).

(2) "História da Criação Natural", Heckel.

(3) "O homem, de onde veio e para onde vai" — A. Besant e C. W. Leadbeater.

(4) "Jesus e sua doutrina" — La Terre.

Pode haver primitivismo na concepção teogônica do índio brasileiro, mas não falta de verdade, desta verdade tradicional, una, universal e comum a tôdas as religiões do mundo!...

Já que relanceamos os olhos sôbre a "teosofia aborigene" façamos outro tanto com o do Negro Africano (5), especialmente a deste negro que foi trazido ao Brasil "agrilhado" com pesadas correntes que o escravizaram e o reduziram à condição de animal até aos 13 de maio de 188, quando a Princesa Isabel os libertou, graças à "Lei Aurea".

O negro, e neste ponto se harmonizam novamente os mais extremados materialistas com os mais avançados espiritualistas, é remanescente da primeira raça humana: a Lemur. Quer as autoridades do mundo científico profano (antropólogos, etnólogos, glotólogos, quer as autoridades do mundo esotérico (tesofistas, rosacruz, esoteristas, maçons, kabalistas) afirmam isto como "verdade preistórica". (6)

(5) Consultem-se autores de fama nacional como Nina Rodrigues, Artur Ramos, Waldemar Bento e outros.

(6) Leia-se "Mensagens Rosacruzianas" e "A doutrina secreta dos rosacruz" do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento de São Paulo — "The rozacruzian cosmos conception" by Max Heindel; Quadros de Geneologia das Raças, de Heckel; "A Sabedoria Antiga", de Annie Besant as diversas teorias (e já são dezenas sôbre "A Lemúria" — de autores vários, que existem no mercado

Pois bem, o negro também possui a sua trindade: Olorun, Obatalá, Orixalá. Êle possui também sua versão tradicional da gênese universal e, note-se de passagem, sendo os negros remanescentes dos Lemures, são, pois, irmãos dos pais de tôdas as religiões; por muito que com isto se magoi o preconceito do "civilizado", é a verdade.

Nós, antes de escrevermos êste libreto, e antes de virmos a público assumir a defesa do "negro" e do "cabôclo" quanto aos seus ritos religiosos, convivemos, no passado, com o dito "batuque africano", por um período não inferior a 18 anos; e, com a "umbanda brasileira" temos trato há 12 anos. Portanto, falamos de cátedra!...

Esboçemos, pois, um quadro comparativo entre as entidades divinas e santas de três diferentes religiões, de três diferentes civilizações, de três diferentes raças.

Comparemos a Teogonia dos negros-lemurianos, a mitologia dos greco-romanos e a teo-santologia dos católicos-latinos:

	NEGROS	GRECO-ROMANOS	CATÓLICOS
Olorún	{ Obatalá Orixalá (Oxalá) Oxalá — Wafiu	Logos { Logos Zeus (2.º Logos) Júpiter 3.º Logos (Apolo)	Deus { Padre Filho (Jesus) Espírito Santo

Iemanjá	Afrodite (Venus)	Virgem Maria
Oxalá - Dacún		São José
Ochún Pandá	Ondinas (Nereidas	N. Sras. Várias
Ochúns	Nínfas)	S. Miguel
Aganjú		S. Jerônimo
Changô	Marte	S. Bárbara
Oiá ou Inhançã		S. Jorge
Ogún		S. Pedro
Exú ou Bará		

Dispensamo-nos de prosseguir na comparação porque somente com a apresentada temos argumentos suficientes para estabelecimento de uma similitude interessante.

Vejamos: As pessoas que conhecem idiomas como o inglês, o francês e o espanhol, sabem perfeitamente que os dias da semana, nessas línguas, significam: dia do Sol, dia da Lua, dia de Marte, dia de Mercúrio, dia de Júpiter, dia de Vênus, dia de Saturno... Ora, isto que se observa nos idiomas neo-latinos e nas línguas influenciadas pelo latim e pelo grego, já era observado pelos antigos caldeus, 3.000 anos antes de Jesus Cristo, povo muito dado ao estudo da astrologia, ciência mãe da astronomia.

Temos, pois:

- 1.º) Domingo, o dia do Senhor, o dia do Sol — é também o dia do supremo Oxalá (o pai Maior africano).
- 2.º) Sábado, o dia das Nossas Senhoras, é o dia das grandes mães Ochúns.

- 3.º) Changô, o deus ou "orixá africano do fogo e da guerra é festejado e reverenciado no mesmo dia (terça-feira) correspondente ao deus grego do fogo e da guerra: Marte, etc. etc...

Ainda podemos mencionar estas semelhanças mitológicas:

- 1.º) A deusa grega da beleza e do amor, Afrodite, a Vênus dos romanos, era reverenciada às sextas-feiras nas antigas Grecia e Roma. Diziam os gregos que ela viera do fundo do mar e o seu símbolo natural era uma concha. A Iemanjá (ou Iamanjara) dos negros também vem do fundo do grande mar, ao qual governa, e é cultuada às sextas-feiras, sendo, também, seu símbolo uma linda concha.
- 2.º) Os mesmos títulos que as "Ladainhas" da Igreja Católica dão à Virgem Maria, os pretos em suas "rezas" e "cantos" dão à sua Iemanjá, tais como: mãe de todos os santos, mãe de todos os homens, virgem-mãe, estrela do mar, rainha do mar, torre de marfim, etc.
- 3.º) Os ritos africanos também possuem "ladainhas"; e, a ordem de enumeração das santidades e saudação às mesmas, é idêntica à da Igreja Católica. Assim, como os católicos evocam primeiro o Senhor, Deus Padre, depois Jesus, depois Maria Virgem, depois os santos e anjos, pela ordem hierárquica; também os

negros invocam primeiro os grandes Oxalás, depois Iemanjá, depois as Ochuns, depois os Orixás menores, também pela ordem hierárquica.

Poderíamos, pois, encher alguns livros somente para enumerar as semelhanças entre a "religião negra do batuque" e as diversas ritualísticas civilizadas.

Não é o nosso fim. O fim deste trabalho é explicar o que é Umbanda.

Pois bem, esclareçamos em síntese e depois iremos aos detalhes. Seremos claros, procurando usar cada palavra com a propriedade legítima de seu valor real:

A "Umbanda" é uma "religião-ciência", resultante da mescla de tradições, conhecimentos, cultos e ritualísticas oriundos do africanismo, do ameríndio, do catolicismo e do espiritismo.

A Umbanda é uma religião porque possui culto, ritual, sacerdote, oferenda, e tudo quanto uma religião devidamente organizada possui neste ou naquele grau.

A Umbanda é uma ciência porque, não se limitando à aceitação cega da imposição ritualística sacerdotal dogmática, indaga, pesquisa, investiga o dito sobrenatural servindo-se dos métodos mediúnicos kardecianos (mesmo quando seus adeptos não conhecem a "Terceira Revelação") e dos métodos mediúnicos de Papus e Elifas Levi (mesmo quando

as fórmulas evocativas são diferentes). A Umbanda, tanto quanto o espiritismo é uma ciência de experimentação e passível de evolução em grau que se não pode limitar.

E é a Umbanda uma religião verdadeira?

Para o católico nenhuma outra religião, além da sua, é verdadeira; e a sua fórmula dogmática é: "Fóra da Igreja não há salvação".

Entretanto, para o estudioso de religião comparada, que, à luz da história das civilizações e da ciência, concluiu que a fonte é uma só, a Umbanda não apenas é uma religião verdadeira como é também um vasto campo de pesquisa teosófica.

É, portanto, a Umbanda, como antes dissemos, uma verdadeira religião e uma verdadeira ciência.

II

“Não julgueis, para que não sejais julgados” — Mateus VII, 1.”

O julgamento dos kerdecistas sôbre a “Umbanda” é precipitado. Não visitam as casas de “cabôcos”, não deixam a comodidade de suas mesas de sessão para fazerem um “exame” ou “estudo” *in loco* sôbre o assunto. Deixam-se empolgar pela exterioridade e pelo “dizem” das “comadres alcoviteiras”.

E a sentença do julgamento superficial é chamarem os umbandistas de feiticeiros, e a Umbanda de “baixo espiritismo” ou “magia negra”.

Feiticeiro é o que enfeitiça, enfeitiçar quer dizer envultar (vem do francês “envoutement”, consulte-se Papus) e envultar quer dizer “envolver com fluídos magnéticos” ou com formas pensamento do baixo astral (1) para o bem ou para o mal. Nem

sempre o feiticeiro é máu. Mas isto não vem ao caso porque o Umbandista não é feiticeiro.

Cumpramos esclarecer também que o nosso “feiticeiro” não nasceu na África e sim na Europa. Era um tipo muito comum na Idade Média, época em que se celebrizaram não só por seus sortilégios, como também pela fabricação dos célebres filtros, entre os quais devemos salientar a “água-tofana” (2) o histórico veneno dos Borgia, na Itália, país farto em credices e superstições populares. De lá nos veio o “quebranto” ou “mau olhado”, a que os italianos chamam de “jetatura”.

Não há também sentido lógico na expressão “baixo espiritismo”, a não ser que o termo tenha significação social e baixo queria significar “do povo”, da gente humilde, dos pobres. Se assim é, e só neste sentido, e ainda a custo, aceitamos a expressão, admitindo por nosso turno esta outra “espiritismo gran-fino”.

Além do mais não podemos compreender o que julgam os mestres ou os guias dos espiritistas vaidosos que se têm na conta de praticantes do “alto-espiritismo”, e de que modo interpretam êstes o seu “Fora da Caridade não há Salvação”!...

Achamos tudo isto muito confuso... algo de egotismo mesmo.

(2) Leia-se “Borgia”, de Michel Zevaco, Edição Fon-Fon.

Agora vamos à expressão "magia-negra". Exemplifiquemos perguntando: "Será que numa cidade como o Rio Grande, onde há meia duzia de sociedades kardecistas entre cientistas e místicos, e três duzias e mais de sociedades e centros de "cabôclos", ainda existe um pouco de paz?

Creemos que com tão grande número de "magos negros" (os caboclistas no dizer dos kardecistas) a cidade de há muito já estaria reduzida a escombros e todos os seus habitantes doentes, enfeitados.

Meus amigos kardecistas, meus irmãos em Jesus, moderem a língua! Estudem, leiam, meditem, examinem e sindiquem mais e melhor. Não se limitem às obras de Kardec, sempre que possuam capacidade de uma cultura filosófica, científica e religiosa mais vasta. E não esqueçam que as próprias obras de Kardec precisam ser bem interpretadas; e, que para se conhecer qualquer disciplina "a fundo" a ponto de se obter aquilo que podemos classificar como uma "especialização doutoral" torna-se mister a memória "bem fresca" com o que se aprendeu na escola e no ginásio. Desenvolver mediunidade é uma coisa (a mediunidade é um dote: um presente de Deus), mas estudar "doutrina", seja qual for, requer uma "base" de conhecimentos gerais sobre diversas ciências humanas, anos de leitura, longas horas de meditações, visitas, experimentações e intuição grandemente desenvolvida, além de uma vontade férrea de aprender para ensinar.

Magia negra, meus irmãos, é a língua ferina do crítico invejoso! Magia negra é a maledicência! Magia negra é a calúnia! Magia negra é a ingratidão! Magia negra é o orgulho! Magia negra é a cultura que se limita e se circunscreve a um círculo de conhecimentos restritos, gerando um mal muito pior que a ignorância: o sectarismo!

A magia verdadeira está na intenção, no coração do mago, e não no rito, na roupa, no perfume, no templo. A intenção má ou boa do oficiante é que torna o ato mágico negro ou branco.

Magia negra é o mau pensamento enviado a outrem.

Magia negra, senhores inimigos da Umbanda, são os pensamentos maus e os julgamentos falsos que dela fazeis — os quais seriam outros se a conhecêsseis melhor.

O que causa espanto aos kardecistas quanto à Umbanda, é que o "medium", quando incorporado pelo "cabôclo" fuma charuto e bebe cachaça.

Pois, meus amigos, sobre tudo isto que vos parece "feitiçaria" ou "primitivismo espiritual", se-reis informados do "como", do "para que", ainda neste libreto. Não será uma vasta explicação, mas o suficiente para saciar vossa alcovitice de momento. Depois, para melhores esclarecimentos, o que recomendamos é o "exame *in loco*", no

terreiro de Umbanda e a "convivência" com o "cabôclo", perguntando-lhe diretamente tudo o que de-sejar.

De nossa parte garantimos que as respostas serão dadas com franqueza, lealdade, clareza e precisão, fraternalmente.

O que o "cabôclo" não tolera é um julgamento precipitado. Isto, êstes julgamentos é que nos estão obrigando a escrever êste folheto quando melhor nos conviria materialmente a aplicação de nossa energia mental ou manual, e o tempo dispendido, noutro mister "que rendesse".

Nem o "cabôclo" de Umbanda nem seu filho aceitam julgamento sem exame e estudo criteriosos, imparciais.

Outrora, já os senhores espiritistas de "sessões brancas" afirmavam, após leviano julgamento e sem prévio estudo, que os "batuqueiros" trabalhavam com espíritos desencarnados de "baixa esfera" e atrasados, com almas de homens que foram ruins em vida, etc. etc. — o "batuque" de antanho, e o que ainda hoje resta do "batuque", era "magia negra", feitiçaria, baixo-espiritismo, como sucede hoje com a Umbanda.

O rito africano puro e original, que, aqui no Brasil, após alguns "enxertos" e "modificações" de ordem mística, tomou o nome de "batuque", vai aos poucos desaparecendo, perdendo-se sua história, tradição e ritualística com os últimos pretos

que vão baixando ao túmulo, sem que o espiritista se lembrasse de estudar o caso, como legítimo cientista que devera ser das coisas do invisível.

Por outro lado, o nosso negro brasileiro, ames-tiçando-se, relaxou quanto às suas legítimas tradições religiosas, e nem sequer tentou legá-las aos pósteros, confiando-as ao papel. Poucos homens ousaram despir o "preconceito social" e penetrar no "pegê" do batuqueiro, no afã de uma feliz reportagem científica religiosa.

Pois bem, meus amigos espíritas, "medium" negro ou "filho de santo", nunca recebia espíritos de mortos, de seres humanos desencarnados. Se, por mera exceção, baixasse, na "festa" ou "toque" de "nagô", "óió", "gêge", "gexá", "iorubá", "mino" ou outro povo, algum "êgúm" (alma de morto) era logo expulso do corpo do "medium" ou "filho de santo", mesmo que para isto fôsse preciso empregar a "vara de marmelo".

Que "espíritos", pois, baixavam no negro, se não eram de mortos?

Antes de responder a esta pergunta queremos frisar ainda que o negro teve sempre tal apreço pelo descanso de seus mortos que nunca os evocava.

As entidades que baixavam ou ainda baixam nos "toques" ou "festas" dos batuqueiros não são espíritos de mortos, nunca foram encarnados e nem

o serão: são espíritos da natureza, elementais (orixás).

Tais entidades sempre foram imateriais quanto ao plano físico e a sua maior densidade material era apenas do plano astral. (3)

Nêste sentido, vamos ceder a palavra à Dra. Besant:

“Além da classe dos elementais artificiais, o mundo astral “encerra uma população densa, embora não incluindo nesse número os seres humanos desembaraçados do corpo físico pela morte. Encontramos aí inumeráveis legiões de elementais naturais, ou *espíritos da natureza*, divididos em cinco classes principais: os elementais do éter, do fogo, do ar, da água e da terra. Estes quatro últimos receberam dos ocultistas da Idade Média os nomes de Salamandras, Silfos, Ondinas, Gnomos; existem ainda outras classes que completam o “septenário”, mas estas não nos interessam por enquanto, porque ainda não se manifestaram.

“São êstes os verdadeiros elementais, ou criaturas dos elementos: terra, água, ar, fogo, etc. Êstes seres têm a missão de pôr em atividade as forças que se prendem aos seus elementos respectivos.

(3) Veja ainda “O Plano Astral” de C. W. Leadbeater — “Tratado de Magia Prática”, de Papus — capítulo referente aos Elementos da Natureza; e “Dogma e Ritual de Alta Magia” de Elifas Levi.

(4) “A Sabedoria Antiga” — de Annie Besant, páginas 66 e 67.

“Constituem os canais através dos quais as energias divinas operam nos diversos meios. São, para cada elemento, a expressão viva da lei. A frente de cada uma de suas divisões se encontra um ser elevado, chamado Déva, (5), chefe de um poderoso exército, suprema inteligência diretora do departamento da natureza, que os elementais (6) da classe considerada administram, e cujas energias êles põem em movimento.

“Assim, Agni (7), Deus do fogo, é uma entidade espiritual suprema, que preside às manifestações do fogo, em todos os pontos do universo;

(5) Deva — é palavra indú, significando Deus, não no sentido do Todo, mas no sentido de Deus inferior. Os Dévas equivalem aos “Anjos” e “Arcanjos” dos mosaístas e cristãos, e aos Deuses Menores dos gregos. São, pois os Menores Orixás dos africanos. Seu “plano residencial” não é o “astral” e sim o “mental” — como veremos noutra citação, (página 108). Veja-se “O Plano Mental” — de C. W. Leadbeater, Biblioteca Teosófica.

(6) Elementais — conforme a exposição de Besant, são, pois, seres “não espíritos humanos”. Aos espíritos humanos do plano “astral” dá-se a denominação de “elementares” (singular “elementar”). Consultem-se as obras mencionadas e mais o “Tratado de Magia Prática” de Papus.

(7) Agni — é, portanto, o Marte mitológico, ou o “orixá” (canto) africano Chango, que certas seitas de batuque equiparam a S. Jerônimo, e outras a S. Miguel, o Anjo que precipitou Lúcifer (Satanás ou Diabo) no FOGO do Inferno Católico. Os hindús cultuam: *Indra*, senhor do Akásha ou éter do espaço; *Agni*, senhor do fogo; *Pavana*, senhor do ar; *Varuna*, senhor da água; *Kshiti*, senhor da terra.

exerce sua administração por meio de legiões de elementais do fogo. (8)

A natureza desses seres sendo bem compreendida, e os métodos que permitem dirigí-los uma vez conhecidos, os pretensos milagres ou trabalhos mágicos que de tempos em tempos atraem a atenção da imprensa, tornam-se possíveis e perfeitamente compreensíveis. O processo é sempre o mesmo, *quer a operação seja abertamente admitida como resultado das artes mágicas*, (9) *quer seja atribuída aos "espíritos"*, (10) como no caso do falecido M. Home, que podia colher tranquilamente um carvão ardente em um braseiro, (11) e mantê-lo na mão,

(8) O supremo Xangô, como sucede com os demais Grandes Orixás africanos, "não baixa" à terra, e a manifestação aos humanos é processada por intermédio da legião dos subalternos "Hafin-Eché", "Changô-Alafin", "Changô-Abomé", "Changô-Agodô", "Changô-Agojo" "Changô-Alufán". Veja-se a obra "Umbanda", de João de Freitas, Editora Moderna (Cx. Postal 2956) Rio de Janeiro, 3.^a edição, página 140.

(9) Segundo ensinam Elifas Levi e Gerard Eucanse (Papus).

(10) Como em muitos casos julgam erroneamente os espíritas.

(11) Não é invulgar que certos "santos" ou orixás, incorporados nos "filhos de santo", nas festas de batuque, reclamem o "acará", seu prato preferido, que consiste em algodão embebido em azeite de dendê e devidamente aceso, em chamas portanto. E" o fenômeno do "comer fogo". A operação é feita à vista do público e o corpo (a boca) do médium nada sofre, nenhuma queimadura. Veja, visite, examine e estude quem quiser crer: siga o exemplo de São Tomé. Não recomendamos a fé de "aceitação" dogmática. Também já fomos S. Tomé, em muitas ocasiões.

sem experimentar a menor dor. O fenômeno da levitação (suspensão de um corpo no ar sem nenhum suporte visível), e o conhecido fenômeno de andar sobre a água — são executados com o auxílio dos elementais do ar e da água, simultaneamente empregados.

Como os elementos entram na constituição do corpo humano, e sempre alguns deles predominam, conforme a natureza da pessoa considerada, todo o ser humano está em estreita relação com os elementos e estes lhe são particularmente favoráveis, conforme a afinidade que existir entre ambos. (12) Como consequência deste fato, freqüentemente observado, vemos muitas vezes o vulgo atribuir o caso à "sorte".

Diz-se que uma pessoa tem a "mão feliz" para semear plantar, para acender fogareiro, ou para

(12) Nisto consiste a teoria do "anjo-da-guarda" religioso de cada um. Pela teosofia, cada ser humano possui o seu elemental amigo inseparável. Para o batuqueiro, cada um tem o seu "orixá" (ou santo) que pode baixar (manifestar-se) ou não. E a mediunidade do "filho de santo" africano não é desenvolvida para servir de intercâmbio com os mortos ou desencarnados e sim para permitir a manifestação do seu "orixá" individual, anjo da guarda, elemental. Não se o confunda com "guia". O anjo da guarda (orixá individual) é um só para cada homem que se manifesta (há outros anjos da guarda secundários no batuque) ao passo que os "guias" nem sempre são elementais (jamais encarnados) e sim elementares (espíritos desencarnados) podendo o homem ter vários, até mesmo um para cada uma de suas diferentes atividades na vida terrestre, ou do além, empós. Sobre os guias desencarnados leiam-se os livros do grande Allan Kardec.

achar águas subterrâneas... etc... A natureza, por meio de suas fôrças ocultas, a cada instante nos faz vibrar, mas nós somos lentos em perceber suas indicações. Muitas vêzes a tradição esconde, em um provérbio ou uma fábula, uma verdade profunda, mas... parece que há muito já passamos a época destas superstições.

Encontramos igualmente no plano astral espíritos da natureza (êste nome convém melhor que o de elementais) que se ocupam da construção das formas nos reinos mineral, vegetal, animal e humano. Há espíritos da natureza que canalizam as energias vitais nas plantas, e que constroem os corpos, molécula, no reino animal. Presidem à construção do corpo astral dos minerais, das plantas, dos animais, como também dos respectivos corpos físicos.

"São êstes espíritos as tradicionais *fadas* e os *elfos* (13) das lendas, os *pequeninos* seres que representam tão grande papel no "folk-lore" das nações, os filhos encantadores e irresponsáveis da natureza, friamente relegados, pela ciência, às mãos das amas. Um dia virá em que lhes renderão justiça, devolvendo-lhes o lugar que êles ocupam na ordem natural. Mas, enquanto esperamos, sòmente o poeta e o ocultista acreditam na sua existência: o poeta pela intuição de seu gênio; o ocultista pela

(13) Por exemplo, as Ceres dos gregos, as *Dadás* dos africanos.

visão de seus sentidos internos desenvolvidos. A multidão escarnece tanto de um como de outro, sobretudo do ocultista, — mas isto pouco importa; um dia a Sabedoria será reabilitada por seus filhos".

Outro tanto podemos dizer da Umbanda: a Sabedoria que ela contém um dia será reabilitada por seus filhos".

Mais adiante, na mesma obra de Annie Besant, podemos ler:

"Nas duas grandes divisões do plano mental vivem inumeráveis Inteligências, cujo corpo inferior é formado da matéria luminosa e da essência elemental do plano; — Seres resplandecentes que guiam a evolução da ordem natural, dirigem legiões de entidades inferiores das quais já falamos, (14) e que estão por sua vez submetidos em suas múltiplas hierarquias, aos Senhores Soberanos dos 7 elementos. (15) São Seres, como facilmente se

(14) Veja citação da mesma autora no capítulo II dêste libreto.

(15) "Êstes Seres são os Arupa Devas e os Rupa Devas dos Hindús e Budistas, os "Senhores dos Céus e da Terra" dos Zoroastrinos, os Arcanjos e os Anjos dos Cristãos e Maometanos. (Sabedoria Antiga, pg. 108, Cap. IV)" — Acrescentamos nós: se êsses seres foram encarnados, suas encarnações não se processaram neste planeta e sim em outro ou outros que, embora semelhantes quanto à evolução cósmica, encontram-se distantes do nosso (quanto à evolução) não pelo espaço, mas pelo tempo. Isto, entretanto, que é lógico e ressalta das obras do próprio Allan Kardec, presentemente, na condição humana, é apenas compreendido intelectivamente pelo homem inteligente mas só é per-

percebe, dum vasto conhecimento, de imenso poder, esplêndidos em seu aspecto; criaturas resplandescentes, formadas por mil mares de arco-iris de côres celestes e cambiantes. Possuidores duma majestade real, respiram uma energia calma, expressão de uma força à qual nada pôde resistir. Aqui se apresenta ao espírito a descrição do grande vidente cristão, quando fala de um poderoso Arcanjo: "Trazia em sua cabeça um arco-iris; seu rosto assemelhava-se ao sol, e seus pés a colunas de fogo". (16) As suas vozes são "como um som das grandes águas", como um eco da harmonia das esferas. São os guias da ordem natural; dirigem legiões imensas de elementais do mundo astral, de tal sorte que suas côrtes, a cada instante, executam sua missão, auxiliando a ordem natural com uma regularidade e precisão infalíveis.

Cada sêr humano possui o seu "orixá" (deva ou anjo da guarda individual), de uma ordem, linha, raio ou tipo correspondente a um "grande orixá", equivalente, por sua vez, a um dos Senhores Soberanos dos 7 elementos, mencionados por Annie Besant anteriormente.

cebido espiritualmente pelo "iniciado" e plenamente compreendido e "sentido" pelo sêr que a êsse grau atingiu. Aqui, no plano físico, a "revelação" desce até nossa condição pelos fracos canais mediúnicos, ou nós a buscamos por um supremo esforço de nossa máxima faculdade de inteligência: a intuição superior.

(16) Apocalipse, X. 1.

Estes "orixás", justamente porque são "espíritos da natureza" (embora, no caso, importem-se mais pelo subplano hominal do plano físico) têm maior afinidade (ou estima) pelos humanos (encarnados ou desencarnados) que mais *contato* têm ou tiveram com a natureza virgem (mata, floresta, campo, serra, fonte, rio, mar, ar, chuva, sol, luar) — e, daí o fato lógico, patente, insofismável de sua estreita relação com desencarnados negros ou índios (cabôclos), os quais, durante suas existências terrenas cuidaram mais em aproveitar a riqueza dos reinos da natureza para o "estritamente necessário" — o que não é feito do civilizado que da natureza tudo tira ambiciosamente, avaramente, violentamente, destruidoramente e implacavelmente.

Sendo a lei de "causa e efeito" (o karma) um fato, o que prova o próprio Allan Kardec, e sendo os minerais, vegetais, animais também "animados" e possuindo seus guardas, seus gênios, seus anjos, no astral e no mental, é lógico que a conduta do homem em relação aos demais reinos (mineral, vegetal animal), pode agradar ou desagradar aos anjos guardiães (elementais) ou "orixás" desses reinos — resultando para o homem um débito ou crédito kármico, proveniente de sua conduta. Tôda esta exposição, embora com terminologia e estilo outros, é depreendida da própria revelação kardeciana.

Cargas ou débitos kármicos do espírito humano para com o espírito da natureza só podem ser res-

gatados (pela mesma lógica da justiça reencarnacionista kardeciana) com atos contrários, de descargas ou créditos, atos de bondade (cultuação) para com o elemental da natureza.

Isto não é lógico? claro? razoável? justo?

Então porque censurar o homem, cuja condição kármica de resgate o ponha em relação direta com o elemental (orixá) de Batuque, de Levi, de Papus, de Blavatski ou de Umbanda?

Porque achá-lo inferior socialmente, moralmente, higienicamente, mentalmente, intelectualmente, espiritualmente, evolutivamente, se a inferioridade (se é que tal coisa) pode existir apenas num dos "liames" ou "fios" do seu karma (17) individual?

Não admite o próprio Kardec que um espírito, apesar de crescido culturalmente, reencarne em condição (de vaidade, por exemplo)?... e sem que isto importe em "retroação" cultural espiritual, quando novamente liberto da matéria, uma vez paga a dívida?

Como, pois, taxar de "menos evoluído" ou "baixo espiritista" o espirita umbandista, em razão de sua "ritualística" ao elemental, admitindo-se à

(17) Leia-se "Karma" de Annie Besant, Biblioteca do

priori que tais ritos sejam contrários às normas do bom espiritismo?...

Já não será uma contração de dívida kármica, para pagamento ainda nesta ou em posterior reencarnação, êste ato de crítica kardecista ao umbandista?

Esta nossa "lógica" não está contida na "lei das reencarnações" de Kardec? Ou a "lei das reencarnações" kardeciana não possui tudo, não faz integral justiça?

Logo, mesmo em se aceitando a existência de um "baixo-espiritismo", que não tenham de descer do arranha-céu ao terceiro "por condição kármica" de maledicência, incompreensão, calúnia, orgulho ou falta de humildade (caridade).

O karma tem o poder divino de destruir convicções e crenças inabaláveis ao que falta com a caridade da confraternização, arrastando o "ego" para a dúvida, antes de devolver-lhe a fé e a esperança; isto mesmo porque FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Isto é uma advertência kardecista!

Quanto a nós praticamos Umbanda, sem nos orgulharmos e sem nos sentirmos humilhados: estamos na nossa linha kármica: eis tudo.

Se amanhã nosso karma pender-nos para o "puro kardecismo" (o que não desejamos, preferimos a TEOSOFIA — que é o "Livro todo": somos am-

biciosos de saber) pratica-lo-emos com a "atitude" reta de "não crítica" ao culto alheio, de nosso irmão.

Por hora, persistimos, lógicamente, em acreditar que a prática da Umbanda avança mais que o comum espiritismo porque:

- 1.º) provam-nos as obras já citadas e os autores que citaremos no seguinte capítulo — cuja obra espiritualista, somada, é maior, mais vasta, no tempo e no espaço que a obra de Allan Kardec, mais completa, portanto para quem tem fome de conhecimento;
- 2.º) provam-nos os "orixás" e "cabôclos" com seus trabalhos, na prática da caridade;
- 3.º) sente nossa consciência individual;
- 4.º) percebe nosso instinto pessoal;
- 5.º) revela-nos nossa possibilidade de "intuição" espiritual.

O motivo "1.º" está ao alcance de qualquer que queira ler e possa entender o que lê.

O motivo "2.º" está na vontade ou resolução de um estudo "in loco" (no terreiro de Umbanda).

O "3.º, o 4.º" e o "5.º" estão no modo de ser e de sentir de cada um": nisto não podemos sugerir, indicar, convidar, ensinar, inculcar...

Que cada um ache o seu pedaço de Verdade, certo de que a Verdade una, universal, indivisível

é também o produto exponencial máximo daquilo que chamamos "êrro".

Paradoxo?!... Absurdo?!...

Meditem...

III

“Todo sábio que ri de um fenômeno porque o desconhece está perto da loucura.” — Vitor Hugo.

São, como verificamos anteriormente, grandes ocultistas e avançados espiritualistas de fama mundial, tais como Helena Petrovna Blavatski, Annie Besant, C. W. Leadbeater, A. P. Sinnett, Elifas Leví, Gerard Encause, Swami Vivekananda, Prentice Mulford, Sri Jinarajadasa, e muitos outros que nos falam e nos provam a existência dos elementais, espíritos da natureza (não de homens), que habitam o plano astral colateralmente aos dos homens.

A bem da verdade diga-se, novamente, embora noutros termos, porque a Umbanda avançou mais que o espiritismo comumente divulgado.

A explicação é clara: o espiritismo de Kardec estuda, investiga e pesquisa e revela o mundo dos “espíritos humanos” encarnados; ao passo que o espiritismo de Umbanda, *aceitando integralmente*

a revelação kardeciana, estuda, investiga, perquire e mostra a existência dos “espíritos não-humanos” (elementais jamais ou não encarnados).

Que os kardecistas neguem a existência dessas “criaturas da natureza”, então nada temos a argumentar. E onde cessa o poder da argumentação deve começar o poder da demonstração.

Assim, sendo, convidamos os kardecistas a visitar sessões e terreiros de Umbanda, onde “baixam” os Grandes Orixás e não apenas aquelas onde “baixam” os simples “cabôclos” ou os rudes pretos velhos que “pitam” e “bebem”. Os cabôclos e os pretos velhos são também desencarnados; e, da impressão que terá um kardecista ao assistir uma sessão onde “se fuma” e “se bebe” (é como eles querem que se diga) já sabemos: achará primitivismo, rusticidade, misticismo, baixo-espiritismo. Insistimos, pois, pelo estudo do “orixá” (ou Déva), sua forma de manifestação, sua linguagem mesmo (que não é o “meia-língua” do preto velho), (1) seus trabalhos, seus “achés” (cumprimentos ou passes), o estado do médium antes, durante e depois da manifestação, o estado de “achiré” (semi-desincorporação) e as “exatas profecias” feitas nessa ocasião; em suma, aconselhamos um “tête-tête” do kardecista com o “orixá”, que se não negará a satisfazer suas perguntas, desde que elas sejam o resultado

(1) Este também pode falar “doutoralmente”, mas prefere a humildade das “parábolas” de Cristo.

da fome de saber, da busca da verdade, e não da curiosidade infantil, ou do desejo de deprimir, humilhar, PULVERIZAR...

Sabemos que muitos umbandistas limitam-se a receber benefícios, crer no que não querem estudar mais profundamente, como faz a boa maioria dos kardecistas: busca o passe, a argüinha para as doenças, desenvolve mediunidade, mas não cultiva o *próprio espírito* com estudo. Desta preguiça mental não somos culpados. Combatemo-la energicamente.

Não é o nosso caso. Entramos na Umbanda pela porta da ciência, e aceitamos sua parte religiosa sòmente naquilo que vemos não ser "acessório" ou "bobagem" de enxerto, ou meras superstições.

Isto no que nos diz respeito. Quanto aos nossos Irmãos de Umbanda, não lhes podemos nem devemos impor nossa intelectualidade. Toleramos a crença ou "crendice" pessoal de outrem com a certeza de que a melhor "modificação" é o "esclarecimento paulatino".

Tanto quanto permitem nossos conhecimentos e nossas forças, procuramos, de um lado, mostrar aos umbandistas, aos menos intelectuais que nós, aquilo que já aprendemos da Umbanda; e, de outro lado esforçamo-nos para que os kardecistas aceitem nosso alvitre de "estudar Umbanda."

Uma outra coisa devemos frisar, e isto em grifo: *Não pretendemos fazer do umbandista um kardecista, nem queremos transformar o kardecista em umbandista: sabemos que acima de nossos fracos desejos estão os desígnios divinos: visamos apenas a confraternização dos homens.*

Talvez nem isto consigamos. Mas, neste sentido, lutaremos até o fim, até o último alento, como o fez Adolfo Bezerra de Menezes. Não buscamos os aplausos: bastam-nos os espinhos da própria luta, pois temos a certeza de que os aplausos são passageiros, ao passo que a luta é longa, e não iremos, nesta existência até o seu termo: outros, mais felizes, continuarão esta obra.

E porque insistir em confraternizar kardecistas com umbandistas, se suas práticas são aparentemente e mesmo fundamentalmente desiguais?

Se fossem idênticas, nossa missão de confraternização não tinha razão de ser: desejamos exatamente a confraternização dos homens desiguais; os iguais já estão confraternizados, automaticamente, tácitamente.

Alegramo-nos imensamente quando, na reunião de Confraternização Espírita, no Rio Grande, realizada aos 3 de agosto de 1946, o orientador kardecista, retrocendo em seus conceitos anteriores (releia-se o Prefácio dêste libreto), disse que as portas da Confraternização estavam abertas, também,

aos católicos, protestantes e mesmo positivistas e materialistas.

Sabemos que estes últimos não tomariam parte numa "confraternização espírita": ou seriam incoerentes ou não seriam mais os "istas" que ora são.

Compreendemos bem que a atitude do kardecista era, naquele instante, a do humanista, do verdadeiro cristão.

Espiritualmente, diante de tais palavras, esquecemos a figura que o foi o kardecista intransigente de convicções inabaláveis, e confraternizamo-nos "ab imo pectore" com aquela alma tão humana quanto a nossa.

Entretanto, devagar, meu amigo. Devagar!

Se, nesta etapa, tivermos confraternizado espíritas, já teremos feito muito!

Depois outros farão a segunda etapa: confraternizarão espiritualistas reencarnacionistas!

Mais adiante, em terceira etapa, confraternizarão espiritualistas de tôdas as filosofias e religiões!

Enfim, em quarta etapa, confraternizar-se-ão espiritualistas e materialistas, religiosos e cientistas, homens e mulheres!

Será o humanismo cristão que foi pregado do alto da montanha, na sublime síntese do "amai-vos uns aos outros."

Por enquanto nossa luta é confraternizar espíritas, e devemos responder à pergunta anterior:

por que incluir os umbandistas, muito especialmente se o kardecismo não é religião de culto externo e a Umbanda o é?...

Muito simples: dos diversos tipos de espiritualistas existentes no mundo, o umbandista é dos que praticam a mediunidade espiritista, e, como os espíritas, o umbandista comunica-se com os desencarnados, aceita a lei das reencarnações, aceita a doutrina do Evangelho, e procura praticar a caridade como a entendeu Kardec.

Ora, dois pontos apenas (distanciam a Umbanda de Kardec):

1.º) a prática da comunicação com os elementais, os espíritos da natureza;

2.º) a sua ritualística.

Sobre o primeiro ponto apresentamos vastas razões de sua razão de ser na Umbanda, nos capítulos anteriores; e, tenha-se sempre presente que a Umbanda, de um lado, absorveu, modernizou, adaptou, codificou as religiões primitivas dos negros africanos e dos índios americanos, a par de uma similitude teológica com as mais civilizadas das redondezas do mundo. De outra parte, a Umbanda aceitou a comunicação com os desencarnados, a terceira revelação kardeciana, portanto, absorvendo do Espiritismo todos os seus ensinamentos.

Não nos consta que a obra de Kardec negue a existência dos elementais (Dévas, Orixás, etc...)

aceitos pelos tesofistas, budistas, bramanistas, kabalistas, escoteristas, fetichistas) ou intente a derrocada das religiões.

A parte "pivot" da obra kardeciana foi a "lei das reencarnações" — o que destrói o dogma de algumas religiões: as que não aceitam a pre-existência da alma ao corpo, e que predicam a existência dum céu, dum inferno (eternos) e dum purgatório, onde há fogo.

Nisto a obra de Kardec não modificou religiões (de milhões e milhões de homens) como o brahmanismo, o budismo, a igreja católica liberal teosófica, e tantas outras como a Umbanda; pois os adeptos destas sempre foram reencarnacionistas.

Eis porque, sendo a Umbanda, também, uma religião, pode e deve se confraternizar com a Terceira revelação. A ciência espiritual, a filosofia reencarnacionista e a moral da Caridade as une fraternalmente.

Quanto à distância ou distinção provocada entre o kardecismo e a Umbanda pela ritualística desta, tratemos em outro capítulo, como se já não bastasse tudo quanto já dissemos no capítulo anterior.

IV

A alvura ou a trevosidade da magia não está na ritualística, e sim no fundo do coração do homem.

Há mil e um caminhos para a busca da Verdade Una, para a busca da Sabedoria Divina. A única coisa, entretanto, da qual se não pode fugir, quando se quer chegar ao termo da viagem, é a Bondade.

Só a Bondade poderá revelar ao homem esta Felicidade tão procurada, essa "Flor de Samambaia" do grande Buda.

Deus não pode ser "entendido" pelo homem, em nossa condição atual. Mas, Deus poderá ser tido" pelo homem, através de sua Bondade, seus atos de amor. Sentimos, pois, que há uma Verdade eterna, infinita, divina; mas, não compreendemos esta Verdade.

Dissertávamos sobre isto, numa conferência que realizamos no Tattwa Vivekananda, do Rio Grande, quando fomos aparteados amargamente por um "irmão".

Da resposta direta, em carta, que demos a êste "irmão", cientificamos o nosso público para que não fiquem "dúvidas sôbre esta verdade".

Ei-la:

Seu "aparte de ontem ajudou-me a melhor desenvolver o tema em foco: "Deus". Continui apartando, eu até lhe agradeço, mas sempre "frateralmente", como homem que pode ensinar ou como homem que quer aprender. não discuta como "kardecista": discuta como estudante de espiritismo que todos somos. E espiritismo não se aprende só com o Sr. Kardec: aprende-se com muitos grandes espiritualistas e espiritistas que viveram antes e depois dêle.

Repito o que disse ontem e peço que submeta ao julgamento do maior sábio kardecista da terra. O que eu digo não procuro ocultar e o que eu disse repito: "Não gosto da expressão "Pense em Deus" usada nas sessões."

Esclareço: podemos reconhecer a existência de Deus, imaginar um Deus, sentir Deus: é a própria Vida e *mais ainda*. Mas é "extrema, imensamente difícil", *pensar em algo que se não conhece*, pois Êle é o Incognoscível. Ou não é?...

Repare: mencionei o exemplo não para criticar ou abater qualquer presidente de mesa, e *sim porque o exemplo se prestava a provocar que a assistência, procurando pensar em Deus, verificasse como*

Ele é *inatingível*, mesmo pelo maior cérebro, pelo menos no momento.

V., julgando mal meu exemplo, bradou logo:

— Como kardecista devo apartear... (e por aí foi).

Calei-me. Não o contrariei, porque achei que assim evitaria uma discussão sem proveito para a assistência.

Agora, permita-se ponderar-lhe: "Se, naquele momento, o Amigo procurasse profundamente *pensar em Deus*, teria verificado como é difícil tal exercício de meditação e concentração, e não teria apartado o orador, no fim de contas inutil e raivosamente.

A "raiva" e a "animosidade" destroem, em vez de construir, V. deve saber melhor do que eu, pois é kardecista, ao passo que eu, no seu conceito, sou MAGO NEGRO porque estudo Umbanda.

Estarei sempre ao seu dispor, mesmo no Hotel, ou onde me chamar, para discussões das quais resulte a LUZ e não a "raiva"!

Quero esclarecer-lhe mais um ponto, e *por escrito*: não tenho prevenções com o Sr. Kardec: divulgo sua obra, admiro-a, estudo-a, e acho-a perfeita PARA O QUE SE DESTINO. A minha rebilião é contra aqueles que trocaram o lema do espiritismo de "Fora da Caridade não há salvação" para "Fora do kardecismo não há salvação". Estou contra os "padres kardecistas", como estou contra

qualquer sectarismo, e muito especialmente quando o sectarismo parte do homem culto, que deveria ser o mais despreendido, o mais tolerante, o mais libertado, enfim.

Se amanhã ou depois "alguem" fizer sectarismo contra Kardec, eu serei o primeiro a correr em defesa dos "ofendidos". Já disse e repito: estou sempre com o perseguido, com o fraco, com o humilde."

Cordialmente o Menezes"

E' pois dessa dificuldade que tem o ser humano de "PENSAR EM DEUS", dirigir-se ao Imanifestado Absoluto, conceber a Onisciência do Todo, que o leva a criar mitos, ídolos, fórmulas, ritos, cultos exotéricos (externos) — pois que sua fome interna do "re-ligare" tende, biológica e imperiosamente, a se manifestar na concretização dos atos externos — isto mesmo porque foi o homem criado "à imagem e semelhança" dêsse Deus, o qual, também, involuindo de sua incognoscibilidade manifestou-se, concretizou-se, materializou-se na criação do macrosmo.

O amor também é indefinível, parte do âmago do sêr, do profundo da alma, do esotérico, do oculto, portanto; mas sua intellectividade é sensibilizada, sensitivizada, e até sensualizada em atos concretos, exotéricos, revelados, snetidos.

Há pois, já afirmaram vários sábios, um fundo de verdade em muitos ditos populares; e, quem não

conhece, no Brasil, aquele verso de uma canção que diz: "o coração tem razões que a razão não compreende". É o inexplicável, mas é o real.

Assim é Deus: inexplicável, mas real!...

Julgue, pois, o sábio, o culto, o erudito, o douto, o intellectual dessas razões do coração do crente místico, tão reais; mas tão absurdas, tão tolas, tão inúteis, tão primitivas, tão "baixas" para o espirita científico.

Não nos atrevemos a julgar; constatamos, examinamos, estudamos apenas; e, como Juddi Krishnamurti, colhemos um átomo de Verdade na poeira da experiência.

O umbandeiro (1) joga os "búsios" (2), diz o futuro por meio da sorte revelada pelas "conchas", remanescência da "ciência adivinatória dos africanos". Isto, feito pelo umbandeiro é credice, é superstição, é fraude à boa fé pública; mas prever o futuro pela "astrologia", pela "quirosofia" é científico, é aristocrático, é chic: até os presidentes prestam-se aos estudos dos astrólogos; e há uma infinidade de obras doudas a respeito e muitíssimos jornais das nações mais civilizadas do mundo, como Inglaterra, França, Espanha, Estados Unidos, Argentina, México, etc.

(1) Dizemos umbandeiro, aqui, pois "rima" com feitiço e agrada mais ao "douto" do espiritismo.

(2) Búsios — pequenas conchas marinhas, de formato especial.

Ocultistas, espiritistas e espiritualistas de todas as côres, e mesmo materialistas, estudam Astrologia. Centenas de milhares de almanaques astrológicos são publicados anualmente em todo o mundo.

Agora, eu pergunto: porque quando o consultante dos "búvios, perguntando ao babalaô, filho de que "santo" é, e obtendo como resposta — por exemplo — Oxala (o orixá que representa o Sol) — depois, êsse consultando o astrólogo, mediante a data e hora do nascimento, êste lhe diz que o seu "signo ascendente" é Leo, governado pelo Sol?!... Porque tamanha coincidência, se os métodos são tão diversos? Na consulta feita ao umbandeiro foi o "orixá" que falou por meio dos búvios ao passo que a resposta do astrólogo foi o resultado de um cálculo *matemático* complicado, para o qual se não dispensam as efemérides astronômicas e os logarítmos? Apesar disso, as respostas, de um e outro sempre se harmonizam e sempre culminam mencionando a mesma divindade grega que deu nome a um astro.

Estude-se, pois, a similitude astrológico umbandista e depois se julgue quanta sabedoria há na "ignorância" do humilde cabôclo de Umbanda e quanta "revelação" no seu "baixo espiritismo".

Neste setnido já existem obras (3) sôbre Umbanda com quadros comparativos astrológicos. Con-

(3) Por exemplo: Magia no Brasil, de Waldemar Bento.

tudo, do que até agora apareceu no mercado livreiro, nada achamos ainda de perfeito, de modo que prometemos para a próxima edição desta obrinha alguns quadros comparativos mais lógicos, o que não apresentamos logo na primeira edição por dificuldades de clichê, material tipográfico com símbolos astrológicos, signos, etc.

Quanto aos livros que existem atualmente, no Brasil, sôbre Umbanda, a maioria editados no Rio de Janeiro, temos o dever de dizer que, não sendo de todo inútil sua leitura, alguns contêm graves êrros, justamente porque foram escritos por pessoas que não eram umbandistas, ou por umbandistas que não possuíam uma base de conhecimentos gerais sôbre religiões e os vários ramos do ocultismo. Não basta, portanto ler. Cumpre visitar e privar com o umbandista e conviver com os "cabôclos" e "orixás". Isto não se faz num dia, nem numa semana, nem num mês: requer anos de perquirição.

Assim fizemos nós; e, note-se, já trazíamos uma base de conhecimentos gerais sôbre catolicismo, induismos, tesofia, esoterismo, rosacrucianismo, kardecismo, kabalismo, astrologia, quiromancia, africanismo, amerindismo e uma pequena bagagem de conhecimentos universais. Ajudou-nos muito à compreensão da Umbanda a nossa convivência com o

batuqueiro, o espírita comum, o tesofista, o protestante, e até mesmo o padre católico!...

Este livrinho não é um "tratado", nem mesmo um "catecismo"; é um simples "ensaio", e o segundo de uma série que estamos elaborando numa tentativa, talvez pretenciosa, de codificação da Umbanda, no Brasil. Lê-lo, pois, é apenas "molhar a língua" para quem tem muita sede "de saber". Para esta "sede" a melhor "água" ainda é a da fonte pura: o "orixá" de Umbanda!

Agora, como prometemos, no capítulo anterior, ao irmão kardecista, tratamos de um ponto melindroso sobremodo: a ritualística de Umbanda.

Inspirem-nos os "orixás" e "cabôclos" e daremos conta do "recado".

Saravá...

O ponto?!...

O "ponto cantado" ou "reza" é a fórmula evocativa verbal do umbandista, equivalente às "preces" espíritas e aos cantos litúrgicos da Igreja Católica.

O "ponto riscado" ou grafado é o "sígno" evocativo traçado no chão ou no terreiro pelo oficiante umbandista, e também pela própria manifestada. Sobre o valor do "ponto riscado", leia-se a História da Magia, de Elifas Levi e estude-se Kabala. O que é o imortal "sígno de Salomão" que vemos no frontão das sinagogas senão um "ponto riscado"? O que é a cruz "swástica" indiana senão um "ponto riscado"? Não é também "ponto riscado" a "cobra mordendo a ponta da cauda", os demais sinais e caracteres sânscritos do emblema dos teosofistas? E os sinais dos escotéricos? E a cruz dos cristãos e todos os arabescos simbólicos dos paramentos católicos? E o "olho", o "compaço" e o "esquadro" da maçonaria? E a simbologia rosa-cruz?...

Por que os espíritas não criticam acerbamente estas ordens? Ao contrário, muitos kardecistas ainda se sentem honrados em entrar para as ordens maçãs, rosacruz ou tesóficas!

Então, só o umbandista pratica "baixo espiritismo" por que possui "pontos", símbolos ou sinais?

E a cachaça?

E a cachaça que o "preto velho" ou o "cabôclo" de Umbanda bebem em pleno ceremonial?...

E o vinho que o padre bebe na missa?

Qual o espiritualista consciente, conhecedor das doutrinas esotéricas, se atreve a negar o valor ins-

timável da missa como ato solene de magia teúrgica?...

Os espíritas?! Os kardecistas?!...

E' para admirar-se! Bezerra de Menezes, o pai dos kardecistas brasileiros não nega; ao contrário: reconhece. (4)

E o charuto? o "pito" do "preto velho"?

O charuto, o "pito" bem como a "defumação" fazem fumaça, perfumam, defumam, limpam, desinfetam e preparam o "ambiente".

E o "incensório" dos padres?

E a "mirra" dos Reis Magos?

Mais uma vez convidamos o leitor a dar uma vista de olhos nos ensinamentos de Papus, sôbre o processo de como se pôr em relação com os ditos elementais. (5) Uma vez que êles existem, e sôbre isto dissertamos no capítulo II dêste libreto, existem também leis que os regem e que governam as suas manifestações, as quais não podem, por via de lógica, ser obtidas pelos processos comuns empregados para com os simples espíritos humanos. E sômente seguindo as instruções fornecidas pelos próprios "orixás", é que pode o homem melhor comunicar-se com êles, quer através do "médium" de Umbanda, quer pelos processos evocativos que

(4) "A doutrina espírita — como doutrina teogônica" de A. Bezerra de Menezes.

(5) "Magia Prática" de Papus, Gerard Eucanse — parte referente aos perfumes e defumações.

permitem um contato direto com os governadores dos elementos da natureza. E, neste último caso está a "oferenda" ou "presente" que faz o umbandista aos "orixás" da água, nos rios ou no mar; aos orixás da terra, nos campos, nas matas; aos do fogo e do ar, nos montes, etc.

Não se confunda "oferenda" ou "presente" com o "despacho", coisa que o umbandista não faz.

E as vestes?

As vestes, no ritual de Umbanda têm sua finalidade prática e seu valor esotérico.

Como finalidade prática podemos considerar que as vestimentas comuns de nossa vida diária nem sempre são cômodas e saudáveis ao corpo. Sabemos, e não é de hoje, que os médicos condenam o uso de ligas, contas e "soutiens" apertados como nocivos à boa e normal circulação do sangue. Ora, se há ocasião em que o corpo humano mais precisa estar saudavelmente à vontade e livre de qualquer embaraço ao fluir do sangue, é aquele em que êle se presta à mediunidade de incorporação.

Quem não sabe que o uso dos saltos altos, nos sapatos das senhoras, é um motivo de entrave ao bom funcionamento dos rins?... Quem não sabe que a exagerada quantidade de "grampos" e "passadores" na cabeça é uma das causas mais comuns das cefalalgias periódicas?... Qual o espírita estudioso que não compreende que a mínima anormalidade no funcionamento dinamo-natural do corpo

do médium é motivo de impedimento a uma boa manifestação?

Quantas vezes a superfluidade do vestuário e seus "enfeites" e "adornos" são, durante uma sessão, motivos de impedimento a uma boa concentração e causa de distrações?

Neste sentido a compreensão já se estendeu a muitas sociedades kardecistas; e, conhecemos inúmeras casas que não trabalham com cabôclos e já adotaram o uso das túnicas brancas em suas sessões.

Não se pense que é por se tratar de sessões de "cabôclos" que tôdas estas "formalidades" são necessárias. Não; é que o umbandista consciente é bastante exigente e severo quanto aos seus trabalhos e mtudo o que diz respeito à comodidade do corpo ou "aparelho" do médium, sua higiene, sua moral.

Daí decorre também o uso dos banhos de "descarga".

Acaso não se banham no rio Ganges os devotos budistas da cidade sagrada de Benares?

Não possuíam os gregos, os hebreus, os romanos os seus banhos de purificação?

Não recomendam os doutores naturistas e os higienistas vários tipos de banhos?

E os banhos cosméticos das damas da fina sociedade?

E os banhos de Lourdes?

E as águas de Vichy, Poços de Caldas, Iraí, etc.?

Que faz o umbandista de surpreendente se tomar um banho com tal ou qual cozimento de ervas medicinais?...

Meus irmãos de Kardec! Sejam lógicos e menos precipitados em nossos julgamentos, e tenhamos de achar, à luz de uma crítica imparcial, uma explicação bem justa para todos êstes usos e costumes ritualísticos dos nossos irmãos umbandistas.

Temos certeza absoluta de que o próprio Sr. Kardec, se nos 15 anos de sua vida durante os quais se fez apóstolo da terceira revelação, tivesse tido tempo suficiente para estuddar os "espiritismos" da Índia, da China, da Pérsia, da Ásia e da América aborígene, por certo que sua obra seria bem diferente, bem mais extensa, e teríamos mais uma explicação científica aos casos que ora ventilamos.

E' bem verdade que espiritualistas reencarnacionistas, com mais anos de prática e estudo que o Sr. Kardec, mais viagens, mais conhecimentos sobre ocultismo em geral, como os que já mencionamos em geral, como os que já mencionamos neste libreto, fizeram um julgamento seguro sobre as manifestações dos elementais e elementares. Êstes testemunhos, contudo, só servirão ao espírita estudioso, que sempre foi espírita, como no caso de Adolfo Bezerra de Menezes, mesmo antes de ser Kardecista. Ao kardecista intransigente todo o nosso "latim" é vão. Para êste só temos a oferecer a nos-

sa fraternal hospitalidade no terreiro de Umbanda para um estudo pessoal "in loco".

À medida que o iniciando ou neófito fôr "necessitando" ou "merecendo", por sua fé de místico ou sua curiosidade de estudioso, todos os escaninhos e os arcanos de Umbanda lhe irão sendo revelados lealmente pelo próprio "orixá" ou seus "cabôclos".

Entretanto, repetimos — e com a frase do próprio Allan Kardec — não procuramos prosélitos; e, assim agimos tão somente porque sabemos que cada homem tem o seu lugar adequado: um peixe não viveria onde não houvesse água, um pássaro não pode existir submerso no mar — dêle é o espaço para voar —, ao passo que um quadrúpede não "alçará vôo" jamais.

Cada homem tem o seu "raio" (6) de ação, seu tipo de vida, sua tônica, sua nota, sua côr áurica, seu planeta governante, e está sujeito às leis do karma individual... (7)

Tudo quanto podemos desejar dos homens é que cada um compreenda isto mesmo; e nenhum interfira na vida do outro senão para levar Cultura, Esperança e Amor!!

Respeitamos todos os cultos, tôdas as religiões, tôdas as filosofias. Queremos também ser respeitados em nosso culto, nossa religião e nossa filosofia.

(6) Linha, círculo, âmbito, etc.

(7) Como ficou explicado anteriormente.

Quando somos atacados não julgamos o adversário um "inimigo": antes de chegar a tais extremos (onde nunca queremos chegar) procuramos mostrar ao nosso adversário a nossa partícula de razão, a fim de que êle nunca vá adiante na luta "por ignorância".

Da" o motivo dêste "esclarecimento". Isto satisfará muitas curiosidades, eliminará certas dúvidas, e criará "compreensões".

Um amigo, a quem lemos o presente trabalho, achou-o, em certos pontos "amargo". Êle não é "amargo", nem doce: é verdadeiro em sua exposição, é escrito para despertar "refleões" e "meditações"; é "humanamente sentido"; foi todo êle elaborado com a madureza do pensamento e a virilidade do sentimento, na mais fraternal das intenções. Tivemos sempre em mente a Máxima de Cristo: "A César, o que é de César; a Deus, o que é de Deus".

Logo, quem já tem a boca doce, doce achará êste manjar; e, quem a tem amarga, amargo achará sempre o nosso afluor, por mais doçura que ponhamos na linguagem.

Isto é com o leitor: as letras e as páginas serão da côr dos vidros de seus óculos!...

"Omnia cooperantur in bonum".

PAULO DE TARSO

KARDEC

e

UMBANDA

*Conferência "NÃO" pronunciada
na Sociedade Espírita Kardecista,
do Rio Grande.*

KARDEC E UMBANDA

Salve Karde!...
Saravá Umbanda!...

Tentemos penetrar na noite do passado para que possamos compreender a aurora do presente e pressentir a grande Vida do dia radioso do futuro.

Dispamos tôdas as nossas indumentárias intelectuais preconceituosas em honra da Divina Sabedoria, e, com o nosso pensamento, para o qual não há fronteiras intransponíveis, arrojemo-nos destemerosamente pelos penumbrosos caminhos da Prehistória.

A Prehistória, que tem sido vaga e simbolicamente sondada por estudiosos de várias correntes filosóficas, religiosas e científicas — por algumas, façamos justiça — foi observada e devassada carinhosamente.

E... paradoxo!... das grandes correntes, dos grandes "ismos" ocidentais, exatamente os mais opostos, as mais extremas, as mais distanciadas foram as que mais se casaram, mais se harmonizaram, mais se completaram — confirmando o velho aforismo de que os extremos se tocam.

Dentre as correntes materialistas, a mais completa, como filosofia cosmogônica ainda é o monismo heckeliano; e, dentre vasta série das linhas espiritualistas, a mais perfeita, como filosofia teogônica é a teosofia blavatiskiana.

Serve-se a primeira da biologia!
Veste-se a segunda da biosofia!

Uma examina o átomo e vai à Mônada primeira — perquirindo do micro para o macro.

A outra examina a atma do átomo empós a indagação do Absoluto — despenhando-se do macro para o micro.

É um ponto em baixo que se faz vertical e sobe!
É um ponto em cima que se faz perpendicular e desce!
E a vida é o exato ponto de encontro das duas linhas!
É a matéria que tenta sutlizar-se, abstrair-se!
É o espírito que ousa manifestar-se, concretizar-se!

E a matéria serve-se da matéria para buscar a sua origem, na indagação sôbre a Criação natural!

Eis os caminhos:

a embriologia,
a biologia,
a genealogia,
a arqueologia,
a geologia,
a paleontologia,
a antropologia,
a filologia,
a glotologia,
a etnologia,
a cosmologia,
a atomologia...

E o espírito emprega o espírito para buscar a origem das origens, na perquirição sôbre a Gênese cosmonômica!

Eis os caminhos:

a filosofia,
a psicologia,
a criptologia,
a teologia,
a teogonia,
a espiritologia,
a mediunologia,
a logologia,
a manteologia,
a biosofia,
a teosofia,
a atmologia...

São as inúmeras veredas paralelas de duas grandes estradas do saber intelectual do homem:

o materialismo,
o espiritualismo!

E que busca o homem encontrar no fim dêsses caminhos?

A Sabedoria Verdadeira!
A Religião Verdadeira!
A Moral Verdadeira!
A Vida Verdadeira!
O Deus Verdadeiro!

O homem espera encontrar a Verdade!
O homem quer encontrar a Verdade!
O homem imola-se pela Verdade!

e
o
homem
tem

Esperança! Fé! Caridade!

e
o
homem

crê no que duvida,
espera o que não sabe,

ama o que repele!
Paradoxal! Absurdo! Ambíguo!

Ambíguo sim.

É o duplo do homem em ação:

ignorância e sabedoria!
religião e ciência!
matéria e espírito
micro e macro!
Nada e Todo!
finito e infinito!
mal e bem!
morte e vida!
finalidade e eternidade!
irreal e real!

treva e luz!
 corpo e alma!
 átomo e atma!
 mundo e Deus!
 cosmos e Tão!
 ódio e amor!
 guerra e paz!
 alfa e omega!
 causa e efeito!
 darma e Karma!

O Todo se subdivide!
 O Nada se multiplica!
 Deus humaniza-se!
 O homem diviniza-se!
 O espírito materializa-se!
 A matéria espiritualiza-se!

Fecha-se o círculo cósmico circunscrevendo-se no microcosmo!

Espiriliza-se o centro cósmico circunvolvendo-se ao macrocosmo!

A espiral ultrapassa a circunferência e serpenteia infinitamente, mensuradamente, eternamente, bioteosoficamente!...

A circunferência é o limite: é o materialismo!

A espiral é o ilimitado: é o espiritualismo.

Do centro ao limite da circunferência:

Matéria
 Energia
 Luz

o limite: Vida

do limite ao infinitamente vasto:

Alma
 Espírito
 Verdade

Do primeiro ao quarto: Hominal!

Do quarto ao sétimo: Divino!

... o infinitamente grande interpenetra com todo o seu potencial o infinitesimalmente pequeno: é o o "avatar" divino do homem: mahatma no átomo!

A Vida!

A Verdade transubstanciada em luz, o Espírito em Energia, a Alma em Matéria:

Involução!
 Monera!
 Átomo!
 Molécula!
 Célula!
 Homem!
 Gênese!
 Embriologia
 Sensitividade!

Condicionamento,
 limitação,
 prisão,
 cadeia,
 élo...

Élo,
 cadeia,
 condição,
 destinação,
 ânsia,
 desejo,
 busca,
 busca,
 incerteza,
 perquirição,
 volição,
 especiação,
 dúvida,
 decisão,
 liberdade,
 indecisão,
 vontade,
 resolução,
 atração,
 direção,
 intelecção,
 intuição,
 esperança,

certeza,
compreensão,
plenitude,
amor,

EVOLUÇÃO!

Sensibilidade,
Potencialidade,
Espiritualidade
Eternidade,

Deidade,
Verdade

Unidade,

Dualidade,

Triunidade,

Trindade,

Divindade,

Absoluto,

Imaterialidade,

Todo,

Parte,

Logos,

Circunvolução,

INVOLUÇÃO

Revolução,

Expanusão,

Multiplicação,

Subdivisão,

Redestinação,

Remanifestação,

Monerização

Atomização,

Embrionização,

Reencarnação,

Humanização,

Evolução

.....

Invólucão

.....

Evolução

.....

A lei das reencarnações segundo a autosofia da intuição, máxima faculdade intelectual do homem materializado... e, finalmente, despido em carne o divino sôpro adâmico dispõe somente desta autosofia para buscar ou rebuscar a

Sabedoria,
a Religião,
a Moral,
a Verdade,
ou Deus

quer conjecture para o futuro ignorado, quer tente penetrar nas brumas do passado, arrojando-se em temerário salto retrospectivo à legendária e primitiva civilização lemuriana.

Lemuria!

Atlântida!

Índia,

China,

Pérsia,

Egito,

Mongólia,

Caldéia,

Babilônia,

Assíria,

Fénícia,

Grécia,

Etrúria,

Gália...

Gália?!...

Sim, a Gália dos Druidas!
a Gália de Alan Kardec!

Primitivismo,

Brahmanismo

Budismo,

Taoismo,

Hermetismo,

Mazdianismo

Zoroastrismo,

Induismo,

Confucionismo,

Babelismo,

Kabalismo,

Druidismo.

Mosaísmo. Cristianismo...
 Mil séculos num minuto: **Jesús Cristo!!!...**
 pode o pensamento, **é tudo quanto**
 Espírito?!... **é o poder do espírito!**
 Espiritismo!... **Espiritismo?!...**
Allan Kardec! Gália!
 1804
Denizard — Hyppolite - Léon - Rivail - França
 1869
Allan Kardec! — Europa
Ásia
África
Oceania
América
Brasil
 1869!...
 1900!...
Bezerra de Menezes!
 1939!...
Waldemar Bento
 1939!...
Umbanda
 —
Rio de Janeiro
 —
Brasil
 1889
Isabel
Escravidão,
Servidão,
Congo - Sudão!

Civilização, Retrospeção,
 África
 Atlântida
 Lemúria
 Lemúria
 Atlântida
 Gália
 Gália
 Europa
 América
 América
 Atlântida
 Lemúria
 Lemures
 Atlantes
 Toltecas
 Aztecas
 Maias
 Incas
 Tupis
 Brasil
 Brasil
 1500
 Arabután
 Trin-magé
 Trin-magé
 Tupã
 Tupi
 Guarani
 Ário - Lemur
 Lemur
 Bântu
 Sudanês
 Cafre
 Hotentote
 Arios - Índios - Negros
 Trilogia
 Kardec - Arabutan - Batuque
 Monogenia
 Brasil

Tupá - Jesús - Oxalá
 Religião
 Místicas
 Mística Ameríndia - Mística Eurásia - Mística Lemur
 Monogenismo
 Lemuriano
 Trilogia Contemporânea
 Religião-Ciência
 Misticismo - Kardecismo
 Involução
 Revolução
 Fusão

 Umbanda
 Espiritismo d'Arabután
 Espiritismo Brasileiro
 Nacionalização
 Adaptação
 Universalização
 Ciência - Religião
 Confraternização
 Evolução

 Evolução
 Expansão
 Unificação
 Ciência - Moral - Religião
 Fé — Esperança — Caridade

 Caridade
 Amor
 Dor — Umbanda
 Amor
 Caridade — Espiirtismo

 Caridade
 Fraternidade
 1946
 Fraternidade

 Humanidade

 Salve Karde!...
 Saravá Umbanda!...

E qualquer que seja a religião, qualquer que seja a ciência, o principio é o mesmo: a origem brumosa dum passado que se eterniza em um futuro.

Qualquer que seja o livro, Ching Chang Ching, Upanishads, Damapada, Bagavada-Gita, Kathop, Uranavarga Zohar, Bíblia, Evangelho, Apocalipse, Gênese, Populvohud, Alcorão, Doutrina Secreta ou Livros dos Mediuns, a revelação é a mesma, embora sob diverso aspecto.

Qualquer que seja o instrutor ou mestre, Manú, Rama, Kotchau, Confúcio, Buda, Kristhna, Zaratustra, Moisés, Orfeu, Jesus, Maomet, Kardec, Blavatsk, Tupinambá ou Krishnamurti, a fonte é a mesma, a doutrina é, em essência, uma.

Qualquer que seja a filosofia, Lão-Tseoismo, Vedanta, Pitagórica, Hermética, Panteísta, Sauleana, Escolástica, Positivista, Kardeciana, Teosófica, Esotérica, Monística, Politeísta ou Ateísta o desejo, a fome é de Verdade!...

Qualquer que seja o Deus: Táo, Brahma, Amitabba, Eloim, Jeová, Logos, Osiris, Amon, Godin, Wotal, Oxalá, Alá ou Tupán, só há um caminho, uma vereda de luz para esse Deus, aqui, na condição humana: a Bondade, o Amor, a Caridade!...

Que importa seja a religião o Primitismo, o Fetchismo, o (Confucionismo), o Sintoismo, o Bramanismo, o Budismo, o Induismo, o Mazdaismo, o Kabalismo, o Mosaismo, o Paganismo, o Amonismo, o Naturismo, o Umbandismo — se no fundo do coração do homem reside a Fé do "religare" evolutivo?

Que importa seja o ídolo de barro, granito, mármore, ouro, osso, gesso ou quartzo, ou imagem, ou pensamento, ou sutileza ou refinamento espiritual se a pureza do culto reside na intenção da prece?

Que importa seja o templo o dolmen, a caverna, o palácio, a mesquita, a sinagoga, a igreja, a loja, o tatwa, a tenda, o terreiro... ou o sacerdote brãmane, levita, kalifa, papa, druida, apóstolo, bodisatva, padre, pastor, mahatma, médium, pagé, babaloê ou gurú... se a evolução do fiel, do adepto, do crente, do discípulo, do iniciado, do cultuante depende da candura de seu coração?

Que importa seja o altar o obelisco, a ara, a arca, a pedra, o lenho, o cume ou a planura se a verdadeira elevação do homem está no sentimento?

Que importa seja a roupa branca ou negra, túnica ou batina, tanga ou fraque se a moral está na caridade do ato ritualístico e se a intenção dêste — e não a veste, o símbolo, o culto, o altar, o templo — é que pode fazer a magia ser branca ou negra?

Que importa seja a linha védica, caldaica, druídica, judaica, jesuítica, maçônica, teosófica, rosa-cruz, esotérica, científica, mística, primitiva, moderna, lemúrica, eurásica ou néo-tupi, se a linha não faz o homem nem o espírito e sim êste que pode emprestar a sua moral à sua linha?

Que importa a condição kármica ser superior ou inferior, avançada ou retrógrada, progressista ou primitiva, se o que vale cumprir na hora que passa é Darma — a lei do amor — ?

Quem ousará, pois, ver inferioridade neste ou naquele culto, nesta ou naquela doutrina, se a pressuposição de tal ou qual inferioridade importa em validade cujo efeito kármico é retrogradação na evolução?

Para o verdadeiro iniciado, para o brâmane, para o muni, para o filósofo, para o cristão, para o espírita consciente que sabe ser tudo necessário, não há superioridade nem inferioridade na escala infinita da evolução: há diversidade, diferenciação, incompreensão recíproca nos vários graus ou tons evolutivos.

Mas, o princípio único de amor divino que tudo cria e tudo envolve — quando se transsubstancia no homem consciente em caridade — gera o verdadeiro princípio de compreensão humana:

— Confraternização!...

Confraternização!...

E" o que desejo aos espíritas kardecistas e aos espíritos umbandistas — porque sou "espírita".

E sou espírita porque sinto que o pensamento humano não cabe dentro de uma vida e existe fora da matéria: isto eu senti como Descartes.

Não conhecia Kardec e já era espírita: isto eu senti como Bezerra de Menezes.

Pensando sobre a sensação (ou sensibilidade, sobre o sentimento (ou sensibilidade) sobre o entendimento (ou intelectividade) concluí que o homem era um composto triplo: compreendi esta trilogia como a compreendeu Paulo de Tarso e não encontrei novidade no "corpo, perispírito e espírito da filosofia kardeciana".

Refletindo sobre a disparidade das condições e das aptidões humanas, concluí da lei das reencarnações e à crença desta cheguei como os bramanistas, os induístas, os zoroastrianistas, os tesofistas, os rosacruzes — e nenhuma revelação encontrei na terceira revelação".

Em noites consteladas, deitado ao sereno dos campos, olhando os céus concluí da grandiosidade do Universo. Encontrei-me com Tolomeu, Copérnico, Galileu, Flammarion; enquanto devassei a Gênese kardeciana já possuía auto-noção cosmonômica!

Li o Damapada, o Bagavad-Gitá; li a Bíblia, li o Evangelho, li Platão, Schopenhauer, Nietzsche, Kant, Comte, Hegel, Agostinho, Aquino, Montefeltro; li Lao-Tseu, Vivekananda, Ramacharaka, Levi, Blavatski, Besant, Leadbeater, Jinarajadasa, Max Heindel e mil outros, de todos os tempos, de todos os séculos, e não encontrei novidade na moral kardeciana!

Enfronhei-me das demonstrações do invisível, com Gerard Encause, Hermes, Saint-Ives d'Alveidre, Nostradamus Camaisar, Bullver, Lytton, Olcott, os kabalistas, os esotéricos, os teósofos, os ocultistas, os magos; os fetichistas, os feiticeiros, e não encontrei novidade no "Livro dos Médiuns".

Visitei, graças à criptologia, as civilizações lemures, atlantas, turânicas, assírio-babilônia, medopersa, hindú, fenícia, greco-latina, ibero-celta, galo-druidica, teuto-scândia, siro-árabe, mosaico-cristã, astéca, tolteca, maia, incáica... vi espíritos por toda parte e nada de novo encontrei no "Livro dos Espíritos".

Andei nos mitos: cultuei Baal, Wotan, Zeus, Apolo, Adonai; os 7 Sephirot; Osiris, Isis, Amon; orei na Porta do Sol de Ouro; cantei as glórias do divino Lotus — reconheci que Marte era Changô; Afrodite ou Vênus era Iemanjá ou Iára; Wotan era Tupã; Brahma, Orixalá; Jeová, Oxalá a Trimurti, Trin-magé; e, não encontrei novidade na Umbanda!

Sonhei com fadas, silfos, nereidas, gnomos, salamandras, ninfas, musas e ondinas — e encontrei ochuns, ochús, echús, dadás, — e nada de novo na Umbanda!

Subi à Montanha do Sermão; desci ao lago da ilusão — li as tábuas de Jeová e ouvi as propostas de Belsebu — senti o êxtase de Sakia-Muni e vivi as perdições de Mara — nada de novo encontrei nos livros.

Conclui como Salomão:

"Nada de novo sob o sol!"

No livro eu li as entrelinhas, na natureza eu vi a Vida, na tradição sondei o mistério, na religião aplaquei a ânsia do coração e na ciência senti-me, reconheci-me, vi-me e soube-me pequeno.

Exclamei como Sêneca:

"A única coisa que sei é que nada sei."

Entrei a ler no coração do próximo e no coração do homem que sou e tive ciência, tive entendimento e tive sentimento de que o que falta ao homem é mais, mais, muito mais

Amor!

Achei pois o AMOR, não pela obediência cega ao "Amai-vos uns aos outros" de Jesús, e sim retrocedendo meus passos ao portal de Delfos e relendo no frontão do templo órfico a sublime máxima:

"Gnote seauton"

"Nosce te ipsum"

"Conhece-te a ti mesmo".

Conheci-me, conheci a minha fome, a minha fome de amor... a fome do meu próximo...

Então, depois de Delfos, foi que transitei pela Judéia e...

Vi Jesus amar, amar o pobre, o rico; o feio, o belo; o mau, o bom; o ladrão, o santo; a Madalena, a Maria — indistintamente...

Senti o amor do Cristo — qual perfume da flor — da flor que dá, reparte, pródigoamente o seu odor sem perguntar se o possuidor das narinas que a cheiram é Judas ou João, Madalena ou Maria!...

E quanto amor no amor de Jesús!

E quanto desamor no amor do Homem!

Meditai... meditei e hei sido ciente de que só amor é o bom, o divino *Karma*:

E' o amor origem e fim; pai e mãe; pais e filhos; deuses e homens; vida e luz luz e fé; fé e esperança; esperança e caridade; caridade e humanidade; humanidade e fraternidade; fraternidade e confraternização.

Confraternização.

Não seja, pois, Kardec, não seja pois a Umbanda — o vosso supremo mestre, o vosso supremo guia na Confraternização espírita,

e sim o "Amor" —

o "Amor" de Jesús — ensinado do alto da montanha, da tribuna, do púlpito;

mas realizado na Cruz, na vida, no sacrifício, na renúncia, no altruísmo, na caridade de cada um.

Assim, pois, confraternizemo-nos:

Tudo por Jesús!

Tudo pelo Amor!

Amai-vos em Cristo, Kardecistas e Umbandistas do Rio Grande.

Livros de
EMANUEL ZESPO

PAI JOSÉ — Romance espiritualista onde a doutrina reencarnacionista é exposta com toda a clareza e a razão das manifestações mediúnicas sob a aparência de "prêto velho", nos trabalhos de Umbanda, é plenamente explicada.

LEI DE UMBANDA — Originalíssimo romance, escrito em plenas matas brasileiras, sob a orientação sábia de pai Joaquim de Aruanda espírito luminar e mestre de elevada hierarquia no invisível. Em forma agradável, o autor ministra os mais elevados ensinamentos da sagrada Lei de Umbanda, expondo rituais de sessões privadas, o que até então, não foi revelado em obra alguma. A obra está repleta de notas explicativas sobre todas as expressões próprias da religião de Umbanda, além de vastas exposições sobre teogonia, mitologia comparada, etc.

ATMA OU O AMOR DE UM SUPER-HOMEM
— Belíssima novela espiritualista decalcada no profundo mistério do induismo.

A realização do ritual mais elevado da magia, **O AVATAR**, é explicada claramente.